
PASSAGEM

AOS

NOVOS!

O célebre architecto Roberto Mallet-Stevens, um novo radicalmente «moderno», em conferência realizada em Paris teve esta frase expressiva: — «Eles parecem esquecer-se de que, em tôdas as épocas, se tem sido furiosamente «moderno». Em caso contrário estaríamos ainda alojados em cavernas ou em choças.»

Grande verdade esta! Não fôsse o espírito de rebeldia (chamemos-lhe assim...) que combate a rotina e anseia pelo «inérito», não fôsem os «novos» que hão pertencido a todos os tempos, a todos os séculos... e não teríamos chegado às alturas dos «arranha-céus». Não fôsem os novos — e novos são todos os que procuram

descobrir, que buscam aperfeiçoar, que aspiram a revelar... — e ainda teríamos de nos utilizar da «mala-posta», como meio de transporte ideal e ainda teríamos de recorrer ao balão, se quizessemos um voo pelo azul.

Bem dizia Oscar Wilde: — «Os novos têm sempre razão!»

Hoje em dia só uma reduzidíssima minoria poderá pensar de outro modo e, portanto, laborar num erro. O nosso século é de todos o mais «moderno» e de todos o mais arrojado, o mais audacioso. As grandes iniciativas pertencem-lhe, os grandes projectos são o seu apanágio, a originalidade o seu ornamento. Dizer o que ninguém ainda pensasse, ostentar o que ninguém ainda visse, proceder como ninguém ainda ousasse: eis as características do século.

Até onde nos levará o irrequieto espírito da época?... Partindo do principio que a razão está do lado dos novos, é de crer que vamos dar a bom porto. Ao fim duma viagem tormentosa justo é que se tenha a compensação e que a terra, pela qual se suportaram tantas tempestades, tantas horas de incerteza e talvez até de desânimo, seja o oásis abençoado que faça esquecer o negrume do tempo que espirou.

Sempre a esperança e o optimismo caminharam de par com a mocidade! Sempre foram bons companheiros, a olharem-se e a sorrirem. É difícil o momento presente? Fácil será o futuro. É árdua a tarefa encetada? Maior satisfação se terá, quando ficar concluída. É perigoso o caminho trilhado?... Grande o triunfo, quando se chegar ao cabo. E assim, sucessivamente, os novos vão ganhando terreno, vão alcançando victórias, vão merecendo a «cruz de ferro».

Temos entre as nossas mãos um vivo exemplo. A «Arte Peninsular» é uma revista de novos, uma revista com audácia, com «panache», uma revista com esperança. Propõe-se ela percorrer terras de Portugal, e de Espanha, atravessar mares e chegar a terras de Santa Cruz, levando a todos os que a lerem um pouco de espiritualidade que lhes evoque a Música, a Poesia, as Belas-Artes, quanto enfim pode recrear os que se não contentam, apenas, com o



ELEONORE AMZEL

Pianista Polaca que entre nós tem dado varios concertos, obtendo ruidosos triunfos e referencias especiais dos nossos criticos

materialismo que oferece o viver de dia-a-dia e que anseiam por erguer a alma ao superior, em êxtase perante o que fala da Beleza, perante o que fala da Verdade!

Uma revista de novos aos novos muito deve interessar. E assim é de supor que sejam estes os primeiros a querer-lhe e os primeiros a fitá-la, como a uma companheira imprescindível que lhes trará momentos de puro conforto espiritual.

Que importa que entre os colaboradores da «Arte Peninsular»

alguns haja, talvez, que não pertençam à actual geração?... A mocidade da alma é eterna, quando se tem fé na Vida e confiança nos homens. Por isso todos podem ser «novos», quando queiram integrar-se no espírito do século e moldar-se às suas naturais evoluções.

Passagem aos novos! O futuro é deles! E a vida não é a hora que passa, nem a que passou — mas sim aquela que está para vir.

Gabriela Castelo BRANCO